

# Um trem pras estrelas

Renata Flávia da Silva  
(Universidade Federal Fluminense)

CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. São Paulo: Terceira Margem, 2009.



Num trem pras estrelas  
depois dos navios negreiros  
outras correntezas

Cazuza e Gilberto Gil

A viagem empreendida por Boaventura Cardoso, em *Mãe, materno mar*, recentemente publicado pela editora paulista Terceira Margem, não se dá nos porões dos navios negreiros que outrora cruzavam os atlânticos mares e, sim, de trem, através dos sinuosos caminhos de ferro que ligam o interior do país à capital. O comboio que parte de Malange em direção a Luanda segue estranhas correntezas que ora o impele às profundezas dos ritos e interditos da tradição, ora se ausentam, deixando-o estagnado por longos períodos de suposta calmaria. A viagem, rotineira, ainda que em tempos de guerra, prolonga-se por quinze anos, num desfilar do mundo diante dos olhos das variadas personagens apresentadas no romance, sobretudo diante dos olhos do jovem Manecas, desejosos de verem as estrelas do mar de Luanda.

As duzentas páginas que compõem a narrativa dividem-se em três partes: A Terra; O Fogo; A Água — três dos quatro elementos primordiais. O quarto elemento, o ar, é presente em toda a obra por meio da palavra, do sopro que vem pôr todas as forças vitais em movimento, a oralidade africana. A alternância na focalização romanesca recupera o exercício da contação de histórias, da roda em que as várias vozes presentes se revezam num contar sem cronologia definida, sem uma linha reta... tal qual se reproduz na ficção cardoseana. Ficção esta, que recuperando as palavras de Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, no prefácio da edição brasileira da obra,

reflete sobre o esoterismo presente no cotidiano de Angola, tecendo um polifônico painel dos múltiplos costumes, ritos, mitos e religiosidades dispersos em diferentes regiões do país, ao mesmo tempo que faz a denúncia da miséria do povo e do atraso em que se encontra a nação, decorrência dos longos períodos de guerra e da manipulação religiosa exercida por líderes de várias igrejas evangélicas, que ali proliferaram, principalmente a partir de 1980. (SECCO, *in* CARDOSO, 2009, p. 13)

A viagem tem início a partir dos olhos de Manecas, jovem malangino que deseja ir para Luanda em busca de emprego e do ansiado encontro com as maternais águas do mar, nunca antes vistas por ele. O rapaz, que escapou de nascer “sereia ou outro qualquer monstro aquático”(CARDOSO, 2009, p. 147) graças aos esforços de sua mãe, “tinha olhos de água”(CARDOSO, 2009, p. 148), olhos que espelhavam as numerosas paisagens percorridas pelo comboio e sua população:

De entre os passageiros tinha gente de os vários estratos sociais: nas carruagens da frente, primeira e segunda classe, ia gente bem vestida com ares de que vive bem ou pelo menos sem grandes dificuldades; nas carruagens de terceira classe estavam os pés-descalços, gente humilde e simples. (CARDOSO, 2009, p. 28)

Em meio à profusão de passageiros que se deslocam no comboio, destacam-se, além de Manecas, o cego Ti-Lucas, antigo soldador mecânico que erra pelos caminhos distribuindo cantigas, conselhos e sabedorias, como um velho *griot*; a noiva que se atrasa para o casamento há sete anos combinado e desposa outro, o deus do fogo; os líderes religiosos e seus fiéis da Igreja do Bom Pastor; da Igreja de Jesus Cristo Negro; da Igreja do Profeta Simon Ntangu António; da Igreja de Jesus Cristo Salvador de Angola; além da “Igreja do Bom Repouso; a Igreja dos Sete Apóstolos; a Igreja do Bomfim; a Assembléia da Salvação; a Igreja de paz nos Corações e outras mais pequenas ainda cujo número de fiéis não ultrapassava dez” (CARDOSO, 2009, p. 35).

Os arranjos iniciais vão se modificando com o passar dos anos, alguns se deixam ficar pelo caminho, outros ascendem à primeira classe, outros descendem em suas particulares travessias e outros se somam a elas. Fiéis deixam seus líderes para seguirem diferentes doutrinas, antigos compromissos são trocados por novas parcerias, certezas e crenças são postas à prova, pois

(...) eles começavam a compreender, no fundo, que naquela viagem tudo podia valer desde que fosse para pôr o comboio em marcha. Que ganhariam eles com a visão científica do mundo se ali, naquela viagem, era mais do que evidente que o carvão nunca tinha medo do fogo? (CARDOSO, 2009, p. 141)

Na alegórica viagem narrativa, o espaço do trem e suas redondezas metaforizam o espaço da nação, que se demora a atingir os objetivos buscados nas lutas de libertação, mas que segue adiante trazendo na bagagem suas ancestrais tradições e algumas modernidades, talvez como *souvenirs* comprados em outras viagens. A contemporaneidade das religiões em Angola é marcada, sobretudo, pela crescente inserção das igrejas neopetencostais, as quais unem

os mares da tradição judaico-cristã às águas profundas das religiões tradicionais africanas. Estudioso das religiões africanas e do fenômeno religioso em Luanda, Boaventura Cardoso afirma se tratar de

(...) um fenômeno muito complexo, pois nós temos cerca de oitenta confissões religiosas reconhecidas oficialmente e mais de oitocentas que aguardam reconhecimento, mas que já estão a funcionar, o que permite dizer que em cada esquina haja um profeta... (CARDOSO, *in* CHAVES, MACÊDO, MATA, 2005, p. 26)

Crer ou não crer numa viagem onde tudo é possível simboliza, também, o “estar no tempo de outro tempo” (CARDOSO, 2009, p. 143). É trazer para o presente revolucionário da ideologia marxista “uma constelação de recordações esparsas” (CARDOSO, *in* CHAVES, MACÊDO, MATA, 2005, p. 17), uma memória ancestral recuperada pela sabedoria dos ditos e dos não-ditos que expressivamente pontuam as falas e os silêncios narrativos:

O elefante morto não se decompõe num só dia. (CARDOSO, 2009, p. 29)

Quando não se sabe para onde se vai, que se saiba de onde se vem. Quem que falou? (CARDOSO, 2009, p. 36)

Cão que se queima nas patas fareja as cinzas? Me fala! (CARDOSO, 2009, p. 63)

A panela coze com um fogo só ou com o tempo? (CARDOSO, 2009, p. 82)

A galinha só põe ovos quando ninguém olha para ela. (CARDOSO, 2009, p. 91)

“[A]quela viagem era só o rio correndo as correntes águas. O tempo era essa constante fluidez” (CARDOSO, 2009, p. 143). O tempo passado entre as localidades de Malange, Ndalatando, Canhoca, Luinha, Beira Alta, e, finalmente, Luanda, quinze anos depois da partida, “tinha a imensidão do mar” (CARDOSO, 2009, p. 27), tinha a dimensão de muitas vidas, vividas, geradas, suspensas no interior daquele comboio. Os obstáculos enfrentados, os acontecimentos inusitados, a atmosfera incomum que cercam Manecas em sua viagem, em sua travessia ao encontro do mar, fazem da narrativa um grande missosso, uma volta às origens, trilha um regresso ao ponto de partida, às águas gestacionais de um outro tempo, cíclico e contínuo.

Efabulando sobre o que se mantém e o que se adquire com a modernidade, Boaventura Cardoso, em *Mãe, materno mar*, forja sua narrativa unindo história, política e religião nos vagões de um trem onde as identidades, as crenças, os mitos e os ritos são questionados sob a figura do velho *griot*, o cego Ti-Lucas que passeia livremente pelo comboio e pelas estórias das personagens várias que figuram no romance. A viagem de Manecas à procura de um emprego, e do mar, metaforiza a trajetória da nação à procura do seu futuro. A euforia de uns e o desapontamento de outros, tal qual a realidade das últimas décadas em Angola, marcam o fim da viagem narrativa. Após navegar em estranhas correntezas sob os céus oceânicos de Angola e

[c]omo se já fosse noite, no dia seguinte, sob uma chuvinha, Manecas, a mulher e o filho, acompanhados de Ti-Lucas e o guia, foram ainda molhar os pés na água do mar. E assim Manecas retornou às maternais águas. (CARDOSO, 2009, p. 200)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. São Paulo: Terceira Margem, 2009.
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.). *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, UEA, 2005.
- SANTOS, Olímpia Maria dos. *A alegórica “Mãe, materno mar” angolana*. Rio de Janeiro: Caetés, 2008.

(Recebido para publicação em 14/10/2009,  
Aprovado em 20/10/2009)